

# BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO

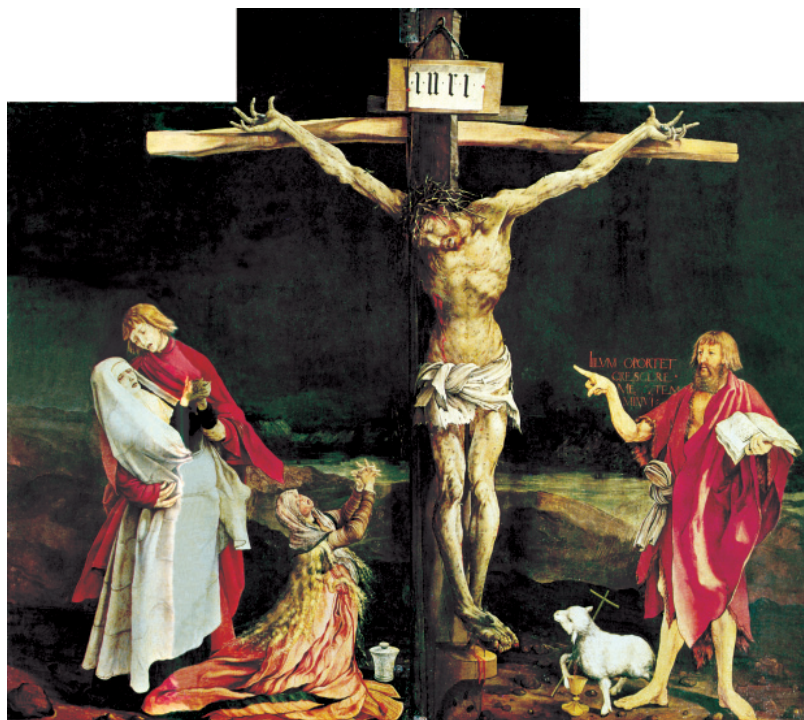
BOLETIM DOS PASTORINHOS – JANEIRO - MARÇO 2007 (ANO 45)

## O PERCURSO DOS PASTORINHOS (5)

III. Reparação na Ordem Cristocêntrica do Mundo e da Salvação  
**Significado Bíblico da «Reparação»: O Sacrifício Reparador da Adoração**

**1. A necessária identidade do sacrifício da adoração e da reparação**

**Maria exige Fátima a todos os homens que na adoração espiritual se entreguem a Deus e esta oferta deve encontrar a sua expressão em toda a personalidade humana**



**Nesta oferta interior consiste o sacrifício espiritual agradável a Deus e que torna cada homem participante da Paixão redentora de Cristo**

O pecado, como abandono de Deus, e, por isso, como perversão do homem em cujo ser o Nome de Deus se encontra interiormente gravado, antes de ser uma violação duma lei moral ou contra uma criatura, é, em primeiro lugar e sempre, fundamentalmente uma blasfémia contra o Nome de Deus. Por isso também a reparação ou a anulação do pecado, antes de ser um acto reparador da ordem criada é primeiro e fundamentalmente a santificação e glorificação do Nome de Deus. A reparação como santificação do Nome de Deus deve ser necessariamente cumprida, realizando o conteúdo desse Nome «imagem e semelhança de Deus em Cristo», que Deus realiza e lhe transmite, ao santificar o interior do homem. O Nome de Deus significa a sua santidade. Por isso, Deus, pela sua excelência, força e poder, ultrapassa todas as criaturas e pelo seu nome toma posse do homem. Este torna-se assim totalmente propriedade de Deus, conhecido do seu olhar e penetrado até ao íntimo do seu ser.

Ao contrário da mentira do pecado, – que não é senão a independência e a separação da pessoa humana perante Deus –, a purificação do pecado é reparação, reconhecimento real de Deus, realização viva da verdade de que o homem pertence total e incondicionalmente a Deus; é entrega total do homem a Deus na adoração, na espontaneidade de uma adoração interior com coração inteiro; só assim o pecado será abolido e aniquilado. É o próprio Deus que repara e santifica, atraindo o homem a Si e comunicando-lhe o Seu nome. Enquanto Deus purifica e santifica o homem, este deixa-se possuir por Ele e glorifica-O. Entrega-Lhe a sua pessoa, o seu corpo e a sua alma, para que Ele o prenda, dele tome posse e o santifique. Para exprimir esta realidade única e mística entre Deus e o homem, a Sagrada Escritura recorre às palavras: purificar, reparar, benzer, santificar, glorificar, a fim de que Deus seja santo no homem. Ao purificar e santificar o homem Deus revela-Se Santo e ao mesmo tempo glorifica no homem o Seu próprio Nome.

Entregar-se a Deus na adoração, na santificação de Seu Nome é o acto primeiro e fundamental. Tal nunca se alcança por intermédio de uma criatura mas aprende-se somente pela prática dos actos próprios e muito meritórios da adoração.

Sem este fundamento da adoração, as outras práticas humanas – como as virtudes, devoções, boas obras, sacrifícios, orações, consagração, etc. – não têm utilidade e não poderão nunca purificar e reparar os pecados, porque fica na raiz a mentira fundamental da autonomia da criatura. Eis a razão pela qual a adoração, oferta directa a Deus do mais íntimo de si próprio e a reparação são actos essencialmente idênticos.

Em Fátima, o pedido primeiro e decisivo de Maria, antes de qualquer outro, foi este oferecimento total da pessoa humana ao Deus transcendente.

A verdadeira santificação – que faz com que o homem, ao entregar-se totalmente a Deus na adoração, Lhe pertença inteiramente – é necessariamente a destruição do mundo da mentira, a anulação da autonomia da mentira proveniente do eu do homem à custa de Deus. Entregar-se totalmente a Deus na adoração, é justamente a abolição de toda a autonomia humana; só assim e, de nenhum outro modo, é que o pecado do homem pode ser reparado. Reparação é adoração, e adoração só se pode realizar na relação pessoal e directa do homem com o Deus transcendente, em contraste com todas as relações mútuas existentes entre os homens. Entregar-se totalmente a Deus em adoração é justamente reparação, graças a esse aspecto essencial da renúncia pessoal a si próprio o qual é mesmo preciso ter em conta, pois se a autonomia da mentira do homem não fosse total e absolutamente anulada, então o homem não poderia de maneira alguma adorar o Deus transcendente, já que o seu coração, no mais íntimo de si mesmo, continuaria cego pelas barreiras do pecado.

Deus apela e atrai a Si o homem caído; e o homem deve reparar com a força de Deus, deve deixar-se santificar pelo sacrifício que consiste na renúncia total de si mesmo e na entrega total da sua pessoa a Deus. Esta adoração reparadora pela sua entrega no sacrifício é a verdadeira demonstração de que o homem, no seu ser e na sua vida, pertence inteiramente a Deus e ao mesmo tempo a sua justificação. Deus não exige do homem «satisfação», mas a «justiça» que consiste na pertença do homem directa e unicamente a Deus; entregar-se a Deus no sacrifício de adoração é a realização viva da justiça. Esta «justiça» do homem não consiste em diversos actos justos realizados pelo homem, mas na atitude interior do coração humano; isso consegue-se e manifesta-se em toda a vida pela fiel concordância da sua obediência à palavra de Deus, pelo habitar da Lei, do Espírito, do Nome de Deus no coração do homem e é por aí que o homem se torna justo, se torna santo e é santificado. A noção bíblica de justiça é portanto idêntica à de santidade, porque a justiça do homem é a sua santidade. «Justiça» significa que o homem, em todo o seu ser e em toda a sua vida, pertence inteiramente a Deus; justiça é a realização viva e verdadeira, o cumprimento perfeito da sua relação com Deus no mistério de Cristo, é a realização da verdade em si; esta verdade e por isso esta exigência da justiça sem condições é absoluta, e o seu fundamento encontra-se, desde as origens, na própria estrutura do destino do homem. Por isso uma vida justa é uma vida que corresponde ao seu primeiro e verdadeiro destino, à realização e ao cumprimento da sua vocação.

Mas esta adoração pela qual o homem se entrega a Deus e se une a Ele, realiza-se na execução concreta da ordem necessária da salvação, unicamente pelo sacrifício e, nesta vida ligada a múltiplos sofrimentos; pois o mundo onde o homem vive desde que nasce não é, por causa da queda de Adão, um meio indiferente, mas uma luta contínua contra as forças de abandono e de separação de Deus, com sequelas físicas bem visíveis. Por esta razão o «homem velho», corrompido pelas seduções do mal deste mundo, deve ser vencido. É preciso que o homem pela adoração e união a Deus se separe do mundo ateu; ele não se pode unir a Deus a não ser suprimindo a blasfémia que domina o mundo desde o pecado de Adão. A «viva» imagem do pecado, desde o ponto mais interior à sua exteriorização física, deve ser totalmente destruída. Nisto consiste a missão de cada homem no mistério de Cristo e a sua participação real no sacrifício reparador de Cristo, o seu crescimento no *Kairos* da recapitulação, que é o cumprimento do sacrifício da cruz, a destruição da imagem do pecado de Adão e a reconstrução da eterna imagem e semelhança com Deus. Por isso, Cristo diz na sua oração sacerdotal que Ele mesmo se santifica para os Seus, para que eles também sejam santificados; Cristo é o Santificado do Pai, que por nós se tornou ao mesmo tempo pecado visível; desta forma Ele se santifica visivelmente por nós e, pela morte na cruz, Ele repara a geração caída. Apresentando-se de maneira visível e destruindo activamente a imagem do pecado de Adão, que consiste em blasfemar e roubar a semelhança de Deus e do seu reino, Cristo, pela força do Seu Espírito, destruiu toda a perversão interior e exterior do pecado da geração caída e purificou o interior do homem das obras mortas pela perversão para que ele adore o Deus vivo. Cristo santificou os homens na medida em que, pela força do Espírito divino, os seus membros se unam a Ele misticamente e por Ele e n'Ele se deixem santificar. Cristo carregou todos os pecados no madeiro da cruz e destruiu-os no seu corpo, para que todos, agora mortos para o pecado, possam viver na justiça, como o próprio Cristo viveu, e peregrinem nesta vida, como Ele peregrinou. Por isso a Sagrada Escritura diz que a vocação dos membros de Cristo é sofrer neste mundo terrestre em Seu nome: em união mística com Ele, sofrer por Ele e para Ele; o próprio Deus com o Seu amor zeloso suporta estes sofrimentos nos membros de Cristo, para que eles assim possam tomar parte na Sua santidade.

Maria em Fátima não pediu outra coisa senão a exigência fundamental e central da Sagrada Escritura: a santificação do Nome de Deus. Ser santo, como Deus é santo; ser tão santo, como Ele é santo; o apelo é para todos os homens. Sem esta santificação ninguém poderá contemplar a Deus. Ser santo pelo sacrifício, ser santo pelo oferecimento total de toda a sua pessoa, corpo e alma. Assim os homens podem tornar-se participantes da paixão de Cristo. Nisto consiste o «sacrifício espiritual» agradável a Deus, a «adoração espiritual» dos membros de Cristo, do povo de Deus, do sacerdócio real. «Espiritual» não quer dizer um acto puramente espiritual, interior, invisível e «intelectual» realizado uma única vez. Por essa palavra entende-se uma entrega total do homem a Deus, com o seu corpo e a sua alma, realizada a partir do seu íntimo na força do Espírito de Cristo, pelo seu «Verbo» que age eficazmente na verdade e portanto com um coração

não falsificado, puro e sincero. Este oferecimento interior deve encontrar a sua expressão viva e visível na totalidade da pessoa humana, longe de qualquer assimilação a atitudes visíveis ou invisíveis tomadas do legalismo ou formalismo do mundo.

«Por isso vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, – escreve São Paulo aos Romanos – a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual. Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes

## **2. Adoração reparadora é necessária e unicamente eficaz para salvar os outros homens**

Só partindo da ordem absoluta e cristocêntrica do mundo e da salvação, – na qual se inscreve o ser humano como «imagem e semelhança de Deus em Cristo» e que é o fundamento da superioridade do homem –, se compreende a eficácia salvadora da adoração reparadora pelos outros homens e a sua concreta realização; e só nela está a eficácia salvadora, que um homem pode exercer sobre outro homem. É neste poder dinâmico – em que as forças espirituais podem ser voltadas para Deus ou desviadas de Deus – permanentemente vivo e activo, que se encontram o fundamento e a possibilidade de reparação pelos outros. A força activa da adoração reparadora do homem pela conversão e salvação dos pecadores encontra-se na sua participação real e mística na adoração mística do sacrifício da cruz de Cristo. Porque a adoração reparadora é por si mesma a união mística do homem a Cristo no seu Espírito Santo, que se realiza continuamente no decorrer da vida sobre a terra, partindo do mais íntimo de si mesmo e estendendo-se a toda a sua pessoa. Neste processo vivo e dinâmico, o próprio Cristo age não somente tendo em vista a reparação e a santificação dos seus membros, mas também a conversão, a salvação e a transformação dos outros homens.

É o reinado do Espírito de Cristo no homem. A única eficácia salvífica só será possível se, humanamente ele não pertencer mais a si próprio, mas inteiramente a Deus em Cristo. E esta sua eficácia é tanto mais poderosa, tanto mais influente, quanto mais perfeitamente se realizar nele o mistério de Cristo, quanto mais profunda e intensivamente ele estiver enraizado só em Deus, quanto mais unicamente Lhe pertence, é penetrado e dominado pelo Espírito de Cristo. Isto significa que não existe nenhuma relação criada, nenhuma mediação de salvação entre os homens, mas que o próprio Deus se encontra directamente presente entre eles; o Espírito de Cristo age directamente nos membros de Cristo e, por eles, actua com vista à salvação dos homens. Por isso é tão necessária a adoração reparadora para salvar os pecadores, porque ela se realiza somente pela força divina de Cristo e não pela força do homem. A morte do pecado e a vida na justiça que o homem nesta vida realiza e cumpre num processo dinâmico, são o reino e a santidade de Cristo no homem. É por isso também que ocorrem ao mesmo tempo a difusão do Espírito de Cristo e a ampliação do seu reino no interior dos homens, porque o Espírito divino de Cristo reina dentro do coração do homem.

«Eis a mensagem que ouvimos de Jesus e vos anunciamos – escreve o Evangelista S. João na sua primeira carta –

discernir qual é a vontade de Deus: o que é bom e Lhe é agradável e perfeito.» (Rom 12, 1-2)

Em Fátima o Coração de Maria lança o mesmo apelo a todos os homens do nosso tempo.

Portanto nunca haverá consagração ou reparação, sem uma verdadeira santificação interior e exterior do homem. «Consagrar-se» não significa «procurar refúgio» ou «pôr-se debaixo da protecção» durante esta vida terrena, mas sim, purificar-se e santificar-se. Consagração, reparação e santificação significam a mesma coisa e devem ser realizadas necessariamente em viva união com a totalidade da pessoa humana.

que Deus é luz e nele não há nenhuma espécie de trevas. Se dizemos que estamos em comunhão com Ele, mas caminhamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Pelo contrário, se caminarmos na luz, com Ele, que está na luz, então temos comunhão uns com os outros e o sangue do seu Filho Jesus purifica-nos de todo o pecado... Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo...Aquele que diz que está n'Ele, deve também andar como Ele andou.» (1 Jo 1,5-2,6)

Quando Israel, o povo eleito de Deus, se tornou infiel à Aliança divina pelo pecado e foi abandonado às mãos dos seus inimigos e caiu em grande tribulação e servidão, não pôde ser salvo e libertado por um culto litúrgico de reparação, mas unicamente pela realidade mística duma viva reparação interior e exterior mudando o seu coração perverso e endurecido e por uma reparação física na própria carne. Esta conversão foi alcançado para o povo pelos diferentes santos eleitos de Deus, que pela oração e pela sua própria adoração reparadora intervieram a favor do povo inteiro, ou seja, pela entrega total a Deus, oferecendo-Lhe toda a sua pessoa. Só assim a reparação dos santos alcança a reparação dos pecadores. Nesta reparação, realizada por uns em favor da comunidade, o mais importante e decisivo é a invocação do Nome de Deus; recorrer ao Nome de Deus, que Ele próprio revelou e comunicou aos homens na aliança como sendo «zeloso» e «misericordioso» (que tira os pecados). Assim, pessoalmente, comunicou o Seu Nome aos seus eleitos: Abraão, Isaac e Jacob, nomeando-se seu Deus, o Deus dos seus pais (Ex 3,15). E isso de nenhum modo por causa dos méritos das suas virtudes, mas por causa das promessas que Lhes fizera e que Ele próprio confirmou por juramento solene. Acontecem então a bênção e o perdão de Deus, a benevolência e o amor que Deus Lhes ofereceu, ao fazê-los seus íntimos e seus amigos, seus inquilinos (Ex 32,13; Hb 11,16). Assim operou a reparação de Moisés (Ex 32,7-14; Num 114,10-19) por todo o povo que quebrou a aliança, ofereceu-se a si mesmo, na adoração reparadora, pelo povo rebelde; assim também Daniel no cativo da Babilónia (Dan 9,1-27); assim Eliasar e os irmãos macabeus (2 Mac 6,18-7,42) sacrificando totalmente a sua vida num martírio sangrento.

O próprio Cristo ensina esta eficácia salvadora no seu mistério por palavras e obras, com parábolas reais e verbais, principalmente no momento da Sua despedida. É a

eficácia salvadora dos membros de Cristo, em união mística com Ele, com a condição exclusiva de permanecerem verdadeiramente Nele. Assim é «a purificação» (reparação) dos sarmentos, que não podem produzir fruto se não permanecerem na videira, e para frutificarem ainda mais e darem fruto para os outros, por uma oração eficaz em Seu nome; nisto consiste o cumprimento do mandamento de Cristo: amar os homens, como Cristo os ama. Porque a oração feita em nome de Cristo é realmente a oração de união mística com Cristo; unicamente nela se encontra a força real do nome de Cristo, que torna a oração infalivelmente eficaz; se faltasse essa realidade da união mística, tal oração ficava uma fórmula vazia, uma exigência vã e sem força; além disso a «purificação» mútua pela renúncia de si, pela humildade e humilhação é a que Cristo ensinou aos Seus na cena do lava-pés. A eficácia salvífica dos membros de Cristo pela reparação e salvação de outros é portanto a eficácia do próprio Cristo e realiza-se pelos Seus membros da mesma maneira que se realiza para o próprio Cristo: só por isso o grão de trigo cai na terra e morre. Cristo santifica-se a Si próprio pelos Seus, para que eles sejam santificados; esta santificação por si próprio é ao mesmo tempo «uma santificação pelos outros». Por isso também Paulo fundamenta a eficácia da sua força apostólica pelo seu sofrimento reparador; porque o sofrimento reparador é do próprio Cristo, que nele se realiza pela salvação dos outros.

A força do sofrimento reparador de Cristo na cruz é realmente eficaz na vida reparadora de sofrimento dos Seus membros místicos. A reparação, na realização da salvação, é o conteúdo do sacrifício sacerdotal de Cristo e dos Seus membros, portanto de todo o Cristo místico, de todo o santo povo de Deus, do sacerdócio real. A reparação é portanto a realização do mistério do próprio Cristo; sem reparação não pode haver aliança com Deus. A aliança de Deus é essencialmente uma aliança reparadora de sacrifício.

Justamente por esta reparação ser absolutamente necessária para a salvação dos homens é que Maria com tanta insistência a exigiu em Fátima: uma entrega total a Deus num sacrifício reparador para a salvação dos pecadores.

Em consonância com esta explicação teológica do sacrifício reparador, a Ir. Lúcia recorda-nos no seu livro 'Ape- los da Mensagem de Fátima' a segunda Aparição do Anjo: «As pobres crianças encontravam-se entretidas, sentadas nas lajes do poço situado no quintal dos meus pais. O Mensageiro celeste apresenta-se e dirige-lhes a seguinte pergunta: *Que fazeis? e, sem esperar resposta, continua: Oraí, orai muito! Os Corações de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios. (...) De tudo que puderdes, oferecei um sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim sobre a vossa Pátria a paz. Eu sou o Anjo da sua Guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo aceitai e suportai o sofrimento que o*

*Senhor vos enviar....* Na ocasião, nem ao de leve as crianças puderam suspeitar que essa chamada à oração e ao sacrifício era não só para elas, mas para toda a humanidade. Hoje, considero este apelo como uma chamada de atenção para o caminho marcado por Deus às suas criaturas, desde o princípio da criação.

Tudo isto nos mostra a grande necessidade que temos de fazer oração, de nos aproximarmos de Deus pela oração... E este apelo ao sacrifício, que Deus aqui nos dirige, encontramos-lo também em muitas páginas da Sagrada Escritura... No Antigo Testamento, os sacerdotes costumavam oferecer a Deus, por eles mesmos e pelo povo, sacrifícios de animais, que imolavam como vítimas propiciatórias. Mas estas vítimas eram apenas figuras do sacrifício de Cristo, que havia de ser a verdadeira vítima oferecida ao Pai pelos pecados da humanidade. Este sacrifício de Cristo, que veio pôr termo às figuras, devia perpetuar-se em substituição dos sacrifícios da Antiga Aliança. E temo-lo hoje renovado diariamente no altar da Celebração Eucarística, repetição incruenta do sacrifício da Cruz.

Mas não basta, porque, como diz S. Paulo (Col 1,24), é preciso completar em nós o que falta à Paixão de Cristo, porque somos membros do Seu Corpo Místico. Ora, quando um membro do corpo sofre, todos os outros membros sofrem com ele, e, quando um membro se sacrifica, todos os outros membros participam desse sacrifício; se um membro estiver enfermo e o mal fôr grave, ainda que o mal esteja localizado só nele, todo o corpo sofre e morre. O mesmo se passa na vida espiritual: todos somos enfermos, todos temos muitas deficiências e pecados; por isso, todos temos o dever de, em união com a vítima inocente que é Cristo, nos sacrificarmos em reparação pelos nossos pecados e pelos dos nossos irmãos, porque todos somos membros do mesmo e único Corpo Místico do Senhor.

A Mensagem pede que ofereçamos a Deus, de tudo o que pudermos, um sacrifício: «*De tudo o que puderdes, oferecei um sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores*» (Palavras do Anjo). Podem ser sacrifícios de bens espirituais, intelectuais, morais, físicos e materiais; segundo os momentos, teremos ocasião de oferecer ora uns, ora outros. O que importa é que estejamos dispostos a aproveitar as ocasiões que se nos deparam; sobretudo que saibamos sacrificar-nos quando isso mesmo é exigido pelo próprio dever para com Deus, para com o próximo e para com nós mesmos. E mais ainda, se este sacrifício é preciso para não transgredir algum dos mandamentos da Lei de Deus; neste caso o sacrifício que tenhamos de impor-nos é obrigatório, porque estamos obrigados a sacrificar-nos o preciso para não pecar. É uma exigência de que depende a nossa salvação eterna.» ... Assim no-lo diz Jesus Cristo no Evangelho: «*...Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, perdendo-se ou condenando-se a si mesmo?*»